

## Mundo



ENVIO PARA RUANDA

Londres aprova lei de deportações

Medida passou após dois anos de debates e veto inicial da Suprema Corte



Tensão. Protesto na Universidade de Columbia, após repressão na instituição de Nova York, atos se espalharam com novas detenções e denúncias de atos de antissemitismo contra manifestantes pró-Israel

# APÓS DETENÇÕES

## Protestos pró-palestinos crescem em universidades americanas

NORA HEN

Após a detenção de mais de 100 pessoas no principal campus da Universidade de Columbia, em Nova York, que participavam de um ato contra a guerra na Faixa de Gaza na última quinta-feira, os protestos se espalharam por várias instituições das EUA, com novas detenções e denúncias de antissemitismo contra manifestantes pró-Israel. Na manhã de ontem, 60 pessoas, incluindo 47 estudantes, foram detidas na Universidade Yale, acusadas de bloquear uma rua nos arredores do campus em New Haven, no estado de Connecticut. Elas foram posteriormente liberadas. Mas isso não impediu que

um segundo grupo retornasse ao local para continuar com a manifestação, que, além de pedir o fim da guerra, trazia cartazes em defesa do movimento BDS, sigla em inglês para "Boicote, Desinvestimento e Sanções", que prega medidas contra Israel pelo que considera ser um "sistema de apartheid" nos territórios palestinos. Grupos judeus chamam a política de "antissemita", e vários países proibem empresas e entidades de aplicá-la.

## SETOR ARMAMENTISTA

Em Yale, uma carta em apoio aos protestos já reuniu ontem mais de 1,5 mil assinaturas de alunos, ex-alunos e seus pais — o texto defende ainda que as doações à universidade se-

jam suspensas até que a administração se comprometa a não investir em empresas que forneçam armas a Israel.

No domingo, o reitor de Yale, Peter Salovey, disse que um conselho responsável pelas finanças da universidade foi contra abandonar os investimentos em indústrias do setor armamentista, decisão que ajudou a inflamar os protestos no campus. Na mensagem, ele afirmou que "há caminhos disponíveis para continuar essa discussão com transparência e civilidade", e pediu que aqueles "que tenham sugestões" sigam esta linha. Na Universidade do Michigan, em Ann Arbor, cerca de 100 pessoas montaram um

acampamento no principal campus com barracas, cartazes e cadeiras. Houve protestos semelhantes diante da New School, em Nova York, mas sem incidentes. Na Universidade de Nova York, cerca de 10 barracas foram montadas do lado de fora da Escola de Negócios. Apesar de uma ordem da administração para liberação do local, centenas de pessoas seguiram diante do prédio, e a polícia não forçou a saída dos manifestantes.

## 'ANARQUIA NO CAMPUS'

Há décadas as universidades americanas convivem com o debate sobre a Questão Palestina, mas o ataque do grupo terrorista Hamas, em 7 de outubro de 2023, e a

subsequente operação militar de Israel em Gaza aprofundaram as diferenças.

Por um lado, denúncias de antissemitismo nos campi, incluindo agressões físicas, dispararam, e a percepção de insegurança para os estudantes judeus levou a audiências no Congresso e à saída de pelo menos duas reitoras de instituições de primeira linha. "Nos últimos dias, a anarquia tomou conta do campus", escreveu, em carta à reitora de Columbia, Namar Shafik, a deputada republicana Elise Stefanik, que tem liderado a pressão sobre as universidades desde o início da guerra. Assim como fez com outras lideranças universitárias, ela disse que Sha-

fik "fracassou" na criação de um ambiente seguro e que a situação só pode ser contornada com sua renúncia.

Até o momento, Shafik resistiu no cargo. Ontem, ela enviou uma mensagem à comunidade acadêmica determinando que as aulas ocorreriam de forma virtual para "redução do risco" e "para dar a todos a chance de considerar os próximos passos".

"Essas tensões foram exploradas por indivíduos que não estão ligados a Columbia, mas que vieram ao campus em benefício de suas próprias agendas. Precisamos de um recomeço", disse Shafik.

## LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Por outro lado, alunos críticos à guerra — entre eles vários estudantes judeus — veem as ações das autoridades como um cerceamento da liberdade de expressão e também apontam para o crescimento da islamofobia no ambiente acadêmico. Na semana passada, o discurso da aluna muçulmana Ana Tabassum na Universidade do Sul da Califórnia foi cancelado após ameaças de um grupo pró-Israel. Tabassum, que tinha sido atacada na internet por "retórica antissemita e antisionista", disse que a instituição "sucumbe a uma campanha de ódio".

— Isso é muito diferente porque vemos estudantes contra estudantes. É, internamente, o protesto que mais causou divisões que já vi — afirmou, em entrevista ao site Politico, a reitora da Universidade da Califórnia em Berkeley, Carol Christ.

Berço do Movimento pela Liberdade de Expressão nos anos 1960, durante a Guerra do Vietnã, Berkeley tem um dos mais antigos ativismos pró-Palestina nas universidades americanas, e é um dos bastiões do BDS nos EUA. Desde o início da guerra, os protestos são majoritariamente pacíficos, mas há casos — registrados em redes sociais — de agressões contra judeus. Como aspecto geral, o presidente Joe Biden vem sendo atacado por setores de seu eleitorado pelo apoio a Israel. Durante as primárias, em ao menos três estados, eleitores se organizaram para um voto de protesto contra o presidente, acendendo o sinal de alerta na campanha, ainda mais em uma disputa que promete ser uma das mais acirradas da história recente.

# Em julgamento, promotoria acusa Trump de 'fraude eleitoral'

Ex-presidente é acusado de ocultar pagamento de suborno a atriz pornô

NORA HEN

No início da fase oral do julgamento por suposta fraude eleitoral cometida pelo ex-presidente Donald Trump (2017-2021) ontem, promotores de Manhattan acusaram o republicano de orquestrar um "conspiração criminoso" para influenciar a eleição de 2016, na qual saiu vitorioso. No primeiro julgamento criminal de um ex-presidente dos EUA, o promotor Matthew Colangelo declarou que o caso mostra "uma fraude eleitoral" e que Trump "mentiu repetidas vezes" para ocultar o pagamento de US\$ 130 mil (R\$ 680 mil,

na cotação atual) à atriz pornô Stormy Daniels — na véspera da eleição, o então candidato a teria subornado para que não revelasse uma relação extraconjugal uma década antes. Se condenado, Trump pode ser sentenciado a quatro anos.

Nas próximas seis semanas, tempo previsto para a conclusão do caso, a Promotoria tentará demonstrar que Trump orquestrou — ou ao menos autorizou — que seu então advogado Michel Cohen tirasse a quantia do próprio bolso para pagar a atriz. Mais tarde, o dinheirinho foi devolvido em prestações dilacionadas de "despesas legais". A acusação tam-

bém inclui acordos semelhantes ao de Stormy para encobrir outros potenciais escândalos. E o caso, por exemplo, de uma ex-modelo da revista Playboy e de um portreto que afirmou que o bilionário teve um filho fora do casamento. Para o promotor da Suprema Corte de Manhattan, Alvin Bragg, trata-se de interferência eleitoral.

## 'INOCENTE'

A defesa de Trump afirmou que o republicano não cometeu um crime ao pagar Cohen. Advogado do ex-presidente, Todd Blanche disse que o magnata era "inocente" e que o gabinete do pro-



Enfado. Trump tem manifestado insatisfação por ter de comparecer a corte

motor distrital de Manhattan nunca deveria ter aberto este caso. Blanche reforçou que o antigo advogado do republicano foi pago por serviços "legais" e que só testemunharia contra Trump por não ter conseguido um emprego na administração do ex-presidente. Na sequência, Blanche afirmou que Daniela usou um "breve encontro"

com Trump para ganhar "grandes somas de dinheiro".

Trump, que se considera vítima de uma "caça às bruxas", classifica o julgamento como uma "farsa". Em meio à campanha pelo seu retorno à Casa Branca nas eleições de novembro, o republicano tem manifestado sua insatisfação por precisar comparecer todos os dias ao tribunal de Ma-

nhattan enquanto o presidente dos EUA, Joe Biden, tem feito campanha pela reeleição nas ruas. Ao chegar à corte, o magnata disse que o julgamento era "uma interferência eleitoral".

Trump, que durante sua Presidência sobreviveu a duas tentativas de impeachment, enfrenta outros três processos criminais, sendo dois deles por acusações mais graves, como a tentativa de anular a derrota eleitoral de 2020 e o manejo incorreto de documentos secretos após deixar a Casa Branca. É pouco provável, porém, que esses julgamentos concernam antes das eleições. O caso que envolve a atriz pornô é, segundo especialistas, o menos importante — e uma eventual condenação não o impediria de assumir a Presidência. Se eleito, contudo, não poderá aplicar o perdão presidencial em seu próprio caso, já que a medida é vetada para sentenças de crimes estaduais.